

**O CINEMA NA SALA DE AULA: HANS STADEN E A ANTROPOFAGIA NO  
BRASIL COLÔNIA**

Naiara Leonardo Araújo - Bolsista PET-HISTÓRIA-UFCG

Regina Coelli Gomes Nascimento – Tutora PET-HISTÓRIA - UFCG

Nesta pesquisa buscamos investigar novas metodológicas para trabalhar em sala de aula a questão da antropofagia no período do Brasil Colônia a partir do filme *Hans Staden*. Atualmente, observamos o crescimento de pesquisas direcionadas para o ensino de História, especialmente, o uso das tecnologias na perspectiva de uma aprendizagem significativa. A análise de filmes nas aulas de História possibilitará uma reflexão coletiva sobre a narrativa cinematográfica suas contradições, anacronismos, continuidades e descontinuidades com o discurso historiográfico. Também permitirá que o aluno (a) vivencie outras formas de conhecer, interpretar e sentir a História. Nesse sentido, compreendemos que trabalhar com o cinema no cotidiano escolar significa ampliar a variedade de linguagens que podem permitir a abertura de caminhos para o estudo da História. Para fundamentar nossas reflexões nos aproximamos de alguns autores, a exemplo de Marcos Napolitano, Marc Ferro, Circe Maria Fernandes Bittencourt, dentre outros que compartilham das novas abordagens sobre a relação história e cinema.

Palavra-chaves: Cinema, Hans Staden, Antropofagia.

As questões educacionais têm gerado calorosos debates. Não se pode negar, por exemplo, a ampliação, nas últimas décadas, das oportunidades educacionais, bem como a noção de documento a ser abordado pela historiografia. No âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja "educação" amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmo para os diferentes grupos sociais,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

particularmente para as populações mais jovens se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação.

A proposta do PCN de ensino fundamental para a disciplina de História nos mostra diversos meios de estudo para uma maior interatividade entre professores e alunos e a implementação de documentos variados ajuda na pesquisa por novas metodologia de ensino. O PCN nos mostra que ao longo do século XX o termo documento adquire uma maior amplitude abordando até gestos, sons, imagens, fontes escritas, etc. Músicas, gravuras, mapas, pinturas, vestimentas, filmes, dentre tantos outros passaram a ter uma maior importância na vida educacional compondo os documentos não escritos.

Segundo o PCN “A palavra documento vem do termo latino documentum, que deriva do verbo docere, que significa ensinar no sentido de transmitir e de comunicar informações já consolidadas.”<sup>1</sup> Contudo, cuidados devem ser tomados ao tratar de documentos não escritos ou, como no nosso caso, quanto à representação de tempos passados pela contemporaneidade na forma de filmes. Os filmes podem acabar se constituindo armadilhas tanto para os professores como para os alunos, os quais podem chegar a ter uma interpretação muito ao pé da letra ou muito crítica.

O objetivo de nosso estudo que abordará o uso do filme na sala de aula, e mais especificamente o *Hans Staden*, será o de apontar além da temática do filme alguns cuidados que devemos ter ao usar este tipo de documento no ensino de história, bem como as técnicas para melhor aproveitar este recurso, sempre levando em consideração as propostas contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

**UM OLHAR ALÉM DO FILME: CONHECENDO A TÉCNICA E O  
CONTEXTO DA PRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Parâmetros curriculares nacionais: história /Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC /SEF, 1998. p.84

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

A Partir da década de 1970 o Cinema passou a ser visto como um artefato de pesquisa acadêmica, principalmente nas ciências humanas, seja pelos historiadores, sociólogos, antropólogos ou psicólogos. O filme tem tanto a dizer quanto um texto, possui uma linguagem muito bem articulada capaz de interagir com o espectador através de muitos significados, passando-lhe diversas visões de mundo e chegando a ser um potencial formador de opinião.

Um filme, assim como qualquer outro veículo, é produzido a partir de um lugar, sendo carregado de influências tanto de quem o produziu, como do próprio contexto no qual foi produzido. O próprio PCN, usando o exemplo da fotografia, orienta no sentido de expor a obra “além da obra”, destacando técnicas e influências:

Considerar a técnica utilizada, condições em que a foto foi conduzida, o estilo artístico do fotógrafo, o ângulo que ele privilegiou, a razão pela qual a foto foi tirada, as técnicas de revelação, as interferências feitas no negativo, podem propiciar informações interessantes sobre o contexto da época.<sup>2</sup>

Desta mesma forma deve ocorrer com o cinema; o professor deve falar um pouco sobre o diretor do filme, o contexto em que ele foi produzido, a qual escola pertence (Nouvelle Vague, Cinema Novo, Surrealismo, Neo-realismo e etc.), a fim de melhor ambientar a obra tanto na disciplina oferecida, como uma ilustração, como para indicar aos alunos o porquê da escolha desta.

Algo que também deve ficar claro para os alunos, é que nem tudo o que aparece no filme tem a ver com a realidade da época. No cinema é comum mesmo em filmes baseados em histórias reais, o acréscimo de personagens, falas, pequenas histórias e até romances, com a finalidade de dar mais carga de ação, emoção ou até mesmo comédia, para que o filme se torne mais comercial. Ainda usando a fotografia como exemplo, o PCN nos diz que:

---

<sup>2</sup> Op.Cit. Parâmetros curriculares nacionais: história /Secretaria de Educação Fundamental. P.80.

A utilização de fotografia como fonte de pesquisa, deve levar em consideração que a imagem impressa no papel não se confunde com a realidade. Se o pesquisador considerar que tudo o que pode ser visto na foto era costume da época, pode chegar a conclusões equivocadas sobre como, por exemplo, as pessoas se vestiam antigamente.<sup>3</sup>

Cabe ao professor problematizar com os seus alunos o uso do artefato técnico e realizar uma leitura crítica não só deste tipo de produção, mas de todas as fontes de conteúdo histórico, distinguindo contextos, funções, estilos, argumentos, pontos de vista, intencionalidades. Assim, além dos alunos terem a oportunidade de conhecer novas ferramentas de auxílio ao ensino de história, considerando que o cinema como qualquer outra obra também necessita ser localizado no momento histórico em que foi produzido. Um filme de época diz respeito também ao tempo ao tempo em que foi produzido, tal qual a história questiona o passado a partir do presente.

#### O HANS STADEN E A QUESTÃO DA ANTROPOFAGIA NO BRASIL COLÔNIA

A temática da antropofagia é algo corriqueiramente analisado como canibalismo se constituindo em um tema pouco tratado em sala de aula. Além disso, há a freqüente confusão acerca do tema que é confundido com o canibalismo. O canibalismo é colocado como algo selvagem, ligado meramente ao ato de se alimentar, enquanto que a antropofagia, que será analisada posteriormente, está ligada a todo um processo ritualístico no qual a pessoa só é considerada “comida” se tiver características especiais que possam ser assimilados de sua alma pelo grupo no ato de comer. Para nos auxiliar acerca da temática bem como na análise do filme faremos uso do livro de Lúcia Nagib, “A Utopia no Cinema Brasileiro” (2006), que traz um capítulo específico sobre a

---

<sup>3</sup> Idem.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

antropofagia a partir de três filmes: *Hans Staden*, *Como era gostoso o meu francês* e *Macunaíma*. Em uma associação dos três filmes a autora trabalha de forma prática e clara a temática que chega aos idos da Semana de Artes Modernas, com a participação do grande idealizador da identidade brasileira a partir do indígena e sua antropofagia. Contudo, o nosso trabalho se deterá mais em seu primeiro filme e sua abordagem na sala de aula.

*Hans Staden* foi dirigido por Alberto Pereira em 1999 a partir dos relatos do francês de Hessen que em 1554 ficou prisioneiro dos tupinambás. Staden deixou documentada toda a sua aventura em um livro que abordou muito mais sua estada com os índios e os costumes deste do que sua viagem e seu naufrágio. Como ponto alto de seus relatos está os costumes canibais dos índios e seu sofrimento para se manter vivo contando com a sorte e com a participação do Deus católico diante dos diversos deuses tupinambás.

O filme começa com Hans Staden narrando como chegou ao forte português de São Vicente e como dali foi para uma tribo tupinambá, aliada dos franceses e inimigos dos portugueses, a partir da fuga de um escravo seu. Avistando uma cruz ao longe resolve parar para procurar seu escravo, pois pensa serem ali terras portuguesas e ao se aproximar muitos índios vêm ao seu encontro e lhe arrancam as roupas, lhe amarram e leva-o para a tribo. Onde é recebido com festejos, pois chegara à refeição. Contudo, por diversos ocorridos, por sorte e por pedidos seu consegue escapar da morte. Uma cena forte para se pensar a partir de seus relatos é o momento em que um inimigo é morto e comido pela tribo em algo que é retratado como uma grande ocasião com festas, danças e muita música. Cada parte do corpo é saboreada, não desperdiçando nenhum pedaço e até mesmo as crianças e os idosos são alimentados com o corpo do inimigo.

Por muito tempo a questão do canibalismo foi vista como algo ruim que os índios realizavam, colocando-os como comedores de gente por puro prazer. Uma outra vertente que devemos observar é que o ato de comer carne humana para eles era dotado de um certo ritual em que nem todos eram bons o suficiente para serem comidos.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Apenas aqueles guerreiros, corajosos que eram vencidos deveriam servir de alimento, pois acreditava-se que ao comer uma pessoa com essas qualidades estavam retirando de seu espírito o que havia de melhor. Muitos viajantes que pela América passaram tiveram dificuldades em encontrar uma desculpa para a prática antropofágica. Foi apenas com Montaigne que pela primeira vez encontramos a associação do canibalismo à de bom selvagem quando afirmou:

Penso que há mais barbárie em comer um homem vivo do que em comê-lo morto, em dilacerar por tormentos e por torturas um corpo ainda cheio de sensibilidade, assá-lo aos poucos, fazê-lo ser mordido e rasgado por cães e por porcos (como não apenas lemos, mas vimos de recente memória, não entre inimigos antigos, mas entre vizinhos e concidadãos, e, o que é pior, sob o pretexto de piedade e de religião), do que assá-lo e comê-lo depois que ele morreu.<sup>4</sup>

A partir dessa idéia de Montaigne muitas pessoas tanto no cinema como na literatura fariam uso dessa afirmativa para defender seus ideais como foi o caso de Oswald de Andrade que idealizou a utopia antropofágica. Sua utopia teve um efeito revolucionário quando definiu o índio antropofágico como detentor da identidade nacional em uma sociedade desejosa por esquecer suas origens e imitar o colonizador europeu como bem nos fala Lúcia Nagib em seu livro “A utopia no cinema brasileiro”.

Daí a escolha da palavra “antropofagia” que, para ele, por ser ritual e comunitária, opõe-se ao canibalismo, “que vem a ser antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos”. Recorrendo a Freud, Oswald propõe a transformação do tabu em totem “como operação metafísica que se liga ao rito antropofágico”. Assim distanciada das necessidades meramente corpóreas do canibalismo, a antropofagia se purifica e adquire um caráter romântico, harmonizando-se com a bondade natural do primitivo brasileiro.

---

<sup>4</sup> NAGIB, Lúcia. **A utopia no cinema brasileiro: matrizes, nostalgia, distopias**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Como a questão da antropofagia era algo temido e horrível para a cultura europeia que aqui estava se instalando, o ideal para eles seria dizimar e tal idéia não tardou a ser colocada em prática. Dentro de **pouco tempo** a **maioria** das tribos como os tupinambás e os tupiniquins dentre **muitas outras** antropofágicas no Brasil foram dizimadas.

Além de abordar como ninguém havia feito antes a questão da antropofagia, o Hans Staden em seus relatos, bem como Jean de Lery, descreveram grande parte da flora e fauna do período colonial. No livro de Laima Mesgravis e Carla Bassanessi Pinsky (2002) “O Brasil que os Europeus encontraram”, há descrições, a partir desses dois viajantes do século XVI, do clima, das plantas com as quais podemos ver a mandioca, o amendoim, a pimenta, a banana, o abacaxi, etc., dos animais dentre eles onças, cobras, etc. Para fechar seu primeiro momento o livro relata o aprendizado que os colonos tiveram com os índios para depois escravizá-los e torná-los maus selvagens para uns ou bons selvagens para outros como no exemplo do jesuíta Las Casas.

#### OS CUIDADOS COM ALGUMAS CENAS PARA DETERMINADAS IDADES

O trabalho com o filme em sala de aula deve ser cauteloso, planejado com antecedência, levando em conta as pessoas que estarão na sala, suas idades, sua cultura, etc. Acompanhando os passos de Marcos Napolitano em seu livro “Como usar o cinema na sala de aula” dividimos em duas categorias de alunos, os de 11 aos 13 anos e os de 14 aos 18 anos. Na primeira categoria os alunos **estão começando a desenvolver regras de funcionamento**, a perceber os sistemas culturais, as civilizações e diferentes épocas históricas, e por isso acabam gostando mais de filmes de aventura e ficção científica. As máquinas e os sistemas complexos passam a chamar a sua atenção. Para Napolitano os filmes que mais chamam a atenção desses adolescentes são aqueles que falam do “outro”, que abordam temas de descobertas e invenções com caráter de aventura.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Já os adolescentes que estão entre os 14 e 18 anos não estão na fase do conhecimento do cinema e muitos subgêneros que surgem estão voltados para atender a esta demanda. Nessas salas de aula muitos filmes podem ser abordados, romances, dramas, aventuras juvenis, etc. Temas específicos podem ser abordados de forma mais prática e até problemas internos de uma sala de aula podem acabar sendo resolvidos com um bom filme e um trabalho bem elaborado acerca daquela atividade.<sup>6</sup>

Mas para a compreensão da temática abordada não basta levar o filme ao conhecimento da turma e para isso Marcos Napolitano dedica um capítulo para o planejamento de atividades e procedimentos básicos bem como atividades por disciplinas ou por conteúdos transversais. Estes e muitos outros temas devem ser abordados para essa faixa etária como Napolitano nos mostra:

Certos temas e problemas de ordem existencial, psicológica, sociológica e ética podem e devem ser abordados, pois os alunos desta fase geralmente oscilam entre o tédio mortal perante a vida e a busca de excitação e posicionamento radicais perante as coisas e pessoas do mundo. Normalmente, cinema mais direcionado ao público adulto tem maior capacidade de perturbar o espectador adolescente, e não é exagero afirmar que, em alguns casos, é particularmente responsável por um processo de formação de personalidade e valores morais e ideológicos. Mais um motivo para a escola trabalhar seriamente com esse tipo de fonte.<sup>7</sup>

E são muitas vezes esses filmes voltados para o público adulto apresentando cenas que podem ser cortadas pelo professor(a) ou mostradas depois de uma pesquisa com a ajuda dos pais para saber as diversas posições acerca da exposição de determinado conteúdo. Segundo Circe Maria Fernandes Bittencourt não podemos nos

---

<sup>6</sup> NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006

<sup>7</sup> Napolitano, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006; p.27.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

deter apenas na análise do filme, devemos ir mais além. O primeiro passo para ela é conhecer o gosto dos alunos, depois prepará-los para uma leitura crítica do filme. “Só depois de lançar questões e discutir alguns aspectos que indicam a complexidade de um filme é que se podem introduzir ‘outros’ filmes na sala de aula, abordando a temática desejável.”<sup>8</sup>

É de extrema importância o professor refletir sobre o público-alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e possibilidades gerais (faixa etária, etapa de aprendizagem) mas também mapeando, ainda que intuitivamente, o repertório cultural e a cultura cinematográfica dos alunos.

Além dessa preocupação, o professor (a) ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. Isso evita o bloqueio de assimilação de um filme pelo aluno em virtude de um mau planejamento do professor. Envolto nas questões acima citadas os filmes que possuam cenas de sexo, violência física ou psicológica, etc., podem ser de difícil exposição. Contudo, tanto para o trabalho com temas de fácil abordagem quanto para àqueles que podem ou não serem aceitos é necessário um planejamento de atividades para um procedimento básico que impeça a visão do filme como atividade “tapa buraco”.

É de extrema importância que o leitor perceba não somente a temática do filme, colocada a partir da Semana de Artes Modernas como um ideal para se pensar a identidade brasileira, como também as diversas questões que circundam o trabalho com filmes, desde a escolha, o porquê de tal escolha, se as faixas etárias dos alunos permitem se não existe nenhum embate cultural, etc.

A apresentação de cenas com nudismo, relações sexuais, etc., devem ser pensadas muito antes do trabalho na sala, juntamente com os demais professores, pais e

---

<sup>8</sup> Bittencourt, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. P. 376.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

pedagogos da instituição. Com o auxílio de leituras acerca do contexto em que se encontrava o Brasil no período colonial, da questão da antropofagia e de como usar o cinema na sala de aula o professor em sintonia com os alunos poderão desenvolver um excelente trabalho. E a antropofagia não permanecerá como algo esquecido de nossa história ou pouco abordado, em poucas linhas ou palavras nos livros didáticos.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006
- **Parâmetros curriculares nacionais: história** /Secretaria de Educação Fundamental.
- VESENTINI, Carlos Alberto. “História e ensino: o tema do sistema de fábricas visto através de filmes”. In.: **O saber histórico na sala de aula**. Org.: Circe Bittencourt. 8.ed – São Paulo: Contexto, 2003.
- XAVIER, Ismael. **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes: 1983.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad.: Flávio Nascimento – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MESGRAVIS, Laima, PINSKY, Carla B e PINSKY, Jaime. **O Brasil que os Europeus encontraram**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/EDUS, 1972.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

- STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1974.
- NAGIB, Lúcia. **A utopia no cinema brasileiro: matrizes, nostalgia, distopias**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BUENO, Eduardo. **A viagem do Descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

RESUMO

O CINEMA NA SALA DE AULA: HANS STADEN E A ANTROPOFAGIA NO  
BRASIL COLÔNIA

Nesta pesquisa buscamos investigar novas metodologias para trabalhar em sala de aula a questão da antropofagia no período do Brasil Colônia a partir do filme *Hans Staden*. A análise de filmes nas aulas de História possibilitará uma reflexão coletiva sobre a narrativa cinematográfica, suas contradições, anacronismos, continuidades e discontinuidades com o discurso historiográfico. Também permitirá que o aluno (a) vivencie outras formas de conhecer, interpretar e sentir a História. Nesse sentido, compreendemos que trabalhar com o cinema no cotidiano escolar significa ampliar a variedade de linguagens que podem permitir a abertura de caminhos para o estudo da História. Para fundamentar nossas reflexões nos aproximamos de alguns autores, a exemplo de Marcos Napolitano, Marc Ferro, Circe Maria Fernandes Bittencourt, dentre outros que compartilham das novas abordagens sobre a relação história e cinema.

Palavras-chave: Cinema, Hans Staden, Antropofagia.